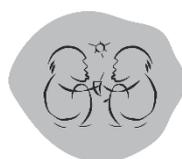
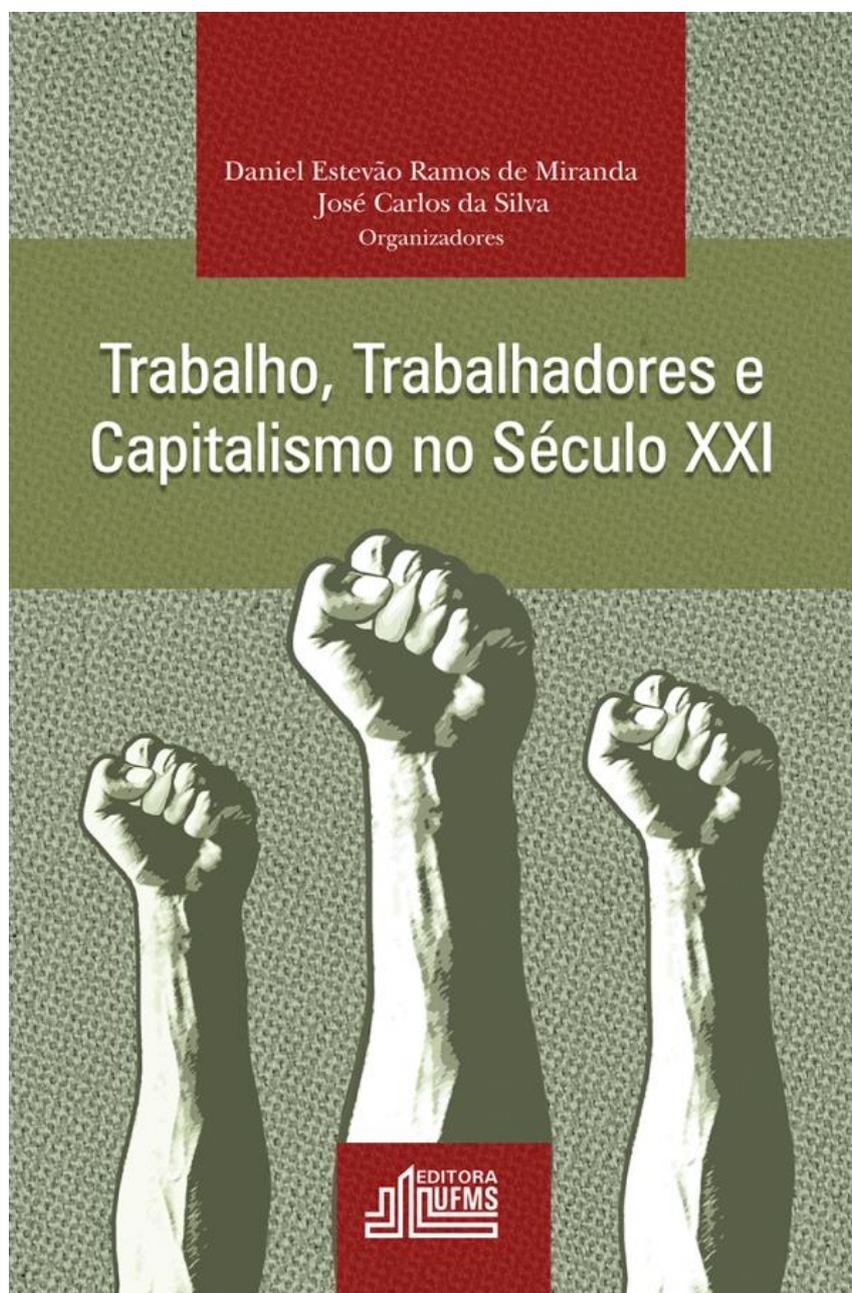
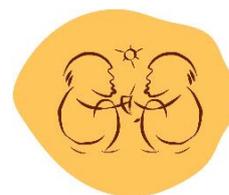


(Capa do Livro)



*Gilberto Luiz Alves*  
INSTITUTO CULTURAL

[www.icgilbertoluizalves.com.br/](http://www.icgilbertoluizalves.com.br/)

# Trabalho Docente na EaD<sup>1</sup>

Samira Saad Pulchério Lancillotti<sup>2</sup>

## Introdução

As novas tecnologias impactam largamente o ensino em todos os níveis e implicam a simplificação do trabalho docente em dimensões variáveis. Se sob seu influxo preservasse no ensino convencional um papel significativo para o professor, isso não ocorre na Educação à Distância (EaD), modalidade educacional na qual o trabalho docente passa a ser objeto de ampla subdivisão. Nesse trabalho pretende-se indicar que na EaD o trabalho docente assume a forma mais avançada desde a perspectiva burguesa, isso porque implica um grau inédito de subsunção real<sup>3</sup> ao capital.

Antes de avançar na exposição faz-se necessário tecer algumas considerações e assentar algumas categorias imprescindíveis ao pleno entendimento da discussão em foco. Primeiramente é preciso aclarar que o referencial teórico-metodológico que informa a discussão é a *ciência da história*, tal como concebida por Marx e Engels em nota de rodapé da **Ideologia alemã** (1986). Apesar de ter sido suprimida na versão final da obra esta nota sinaliza a radicalidade histórica do pensamento dos autores que tomam a história humana e a história da natureza como reciprocamente condicionadas e em permanente movimento.

Considera-se que qualquer discussão acerca do trabalho na sociedade capitalista não pode prescindir dos textos marxianos e marxistas. Marx foi o autor que melhor compreendeu toda a complexidade implicada na categoria trabalho no âmbito da

---

<sup>1</sup> Trabalho publicado como capítulo de livro em MIRANDA, Daniel Estevão Ramos de; SILVA, José Carlos da (Orgs.). **Trabalho, Trabalhadores e Capitalismo no Século XXI**. Campo Grande: Editora UFMS, 2014.

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela UNICAMP. Professora aposentada da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

<sup>3</sup> Ao aclarar a subsunção real, no Capítulo VI inédito, Marx considera: “A subsunção real do trabalho no capital desenvolve-se em todas aquelas formas que produzem mais-valia relativa, ao contrário de absoluta. Com a subordinação real do trabalho no capital efetua-se uma revolução total (que prossegue e se repete continuamente) no próprio modo de produção, na produtividade do trabalho e na relação entre capitalista e operário”. (s.d.), p. 105.

sociedade capitalista. E, a despeito de haver teorizado há mais de um século, seus trabalhos continuam sendo imensamente elucidativos para a compreensão das notáveis transformações materiais que vivemos no presente, com amplos impactos sobre o trabalho em geral.

Com base nos textos marxianos o processo de trabalho docente é aqui entendido como atividade orientada a um fim - ensinar; que toma por objeto de trabalho a formação cultural do aluno, compreendida em seus aspectos intelectual, moral e físico; e é mediada por instrumentos de trabalho (recursos técnico-científicos, conteúdos e espaço físico).

Acerca do trabalho docente, Marx teceu brevíssimas considerações. Dentre suas afirmações está a de que a produção do trabalho docente se configura como “não material” (1980, p. 404; s.d., p. 119), o que se deve ao fato de a produção ser inseparável do ato de produzir. Segundo Marx, nessas formas de produção, “devido à natureza da coisa” (MARX, s.d., p. 120), o modo capitalista tem aplicação limitada, o que as torna formas secundárias de produção, insignificantes se comparadas ao conjunto da produção capitalista. Essas foram suas ponderações no contexto do século XIX, quando também afirmou que o capital sempre faz seu melhor esforço por generalizar a forma de produção mais avançada, a que melhor serve ao seu propósito de criação de valor.

Diante dessas afirmações emergiu uma questão crucial para a pesquisa: transcorrido pouco mais de um século daquela afirmação de Marx, será que o trabalho docente continua insignificante, se comparado à massa da produção capitalista? As amplas transformações materiais experimentadas na transição do século XX para o XXI têm potência para transformar a natureza do trabalho docente?

No decurso desse tempo, a sociedade experimentou enormes transformações materiais e, desde o último terço do século XX, as mudanças têm sido vertiginosas. Os avanços científicos e técnicos têm tido amplos impactos sobre o trabalho em geral, a magnitude das transformações é de tal ordem, que tem levado a que esse movimento seja reconhecido como uma nova Revolução Industrial.

Movido pelo objetivo de produzir mais-valia o capital luta permanentemente em duas frentes: por um lado, concorre no mercado, com outros capitais, e, por outro, enfrenta o trabalho, com vistas a ampliar a exploração. Esse último objetivo é alcançado a partir do progressivo controle sobre o processo de trabalho.

O século XX foi marcado pelo esforço de ampliar a objetivação do trabalho docente por meio da aplicação da ciência e da técnica, mas, a despeito dos inúmeros ensaios nesse sentido, a organização do trabalho permaneceu nos moldes manufatureiros,

tal como proposto por Comenius no século XVII, o que foi amplamente indicado e discutido por Gilberto Luiz Alves, nas suas obras: *Produção da escola pública contemporânea* (2001; 2006) e *O trabalho didático na escola moderna: formas históricas* (2005).

Manufatureiro porque, a despeito de haver sido dividido e simplificado, o trabalho docente não foi de todo objetivado, como aquelas atividades produtivas mais avançadas que já foram automatizadas. O trabalho docente mantém ainda algum grau de complexidade, na medida em que a escola moderna não permite prescindir da presença de um professor diante de um coletivo de alunos, para o desempenho da tarefa educativa. E o modo de ensinar que se mostrou mais profícuo para a expansão da escola moderna foi o ensino simultâneo, que é o modo predominante em todos os níveis de ensino no tempo presente.

No ensino simultâneo a ação do professor recai sobre um coletivo relativamente homogêneo de alunos, é mediada por instrumentos de trabalho adequados ao atendimento coletivo e por conteúdos comuns. Nos termos de Comenius temos a seguinte formulação:

[...] no exército escolar, convém proceder de modo que os mais lentos se misturem com os mais velozes, os mais estúpidos com os mais sagazes, os mais duros com os mais dóceis, e sejam guiados com as mesmas regras e com os mesmos exemplos, durante todo o tempo em que tem necessidade de ser guiados. (COMÊNIO, 1996, p. 177-178)

A despeito da predominância do ensino simultâneo, de caráter manufatureiro, há mudanças importantes em curso, já que a sociedade presente se assenta sobre nova base técnica. Conforme Moraes Neto (2003), a produção vem, progressivamente, se estabelecendo sobre a base da automação flexível, que permite a objetivação, na máquina, não só da habilidade e força manual, como se deu com a revolução industrial do século XVIII, mas também do engenho humano, da capacidade intelectual, que distingue o homem dos outros animais.

Pois bem, considera-se que essas transformações recentes têm potência para transmutar a própria natureza do trabalho docente, tornar sua produção, imaterial que é, em material. Essa tendência se evidencia, a partir da análise do processo de trabalho docente na EaD.

As novas tecnologias já estão presentes nos distintos níveis de ensino e seu uso tende a se ampliar largamente, em curto intervalo de tempo. Todavia, ainda que tenham aprofundado a subsunção real do trabalho docente e introduzido novos elementos no processo de trabalho, não tornaram o professor uma figura de todo acessória, mantendo

ele o controle sobre parcela de suas atividades. Isso se deve a que os alunos não têm recursos pessoais para fruir de todas as possibilidades inscritas nos tutoriais eletrônicos, nos softwares educativos, na internet.

Esses alunos necessitam da mediação de um professor para transitar em um enorme contingente de informações disponibilizadas pelos novos recursos, de modo a processá-las adequadamente e torná-las conhecimento significativo. Assim, o papel do professor ainda é fundamental, e sua importância tem relação inversa à idade do educando. Isso decorre do reconhecimento de que relações heterônomas caracterizam as fases iniciais da vida.

Condiciona-se a possibilidade de romper essa barreira orgânica à objetivação do trabalho docente, à materialização do saber e do fazer docentes, em novos recursos tecnológicos; e exige-se, por outro lado, um alto grau de atividade do aluno, base para assumir a responsabilidade por sua própria formação, a partir do uso desses recursos avançados.

### **Autonomia do Aluno**

O coroamento do ideário liberal na esfera do ensino está ligado à possibilidade de instauração da autodidaxia. Ao longo do século XX, a pedagogia envidou esforços no sentido de individualizar o ensino com base na ação do educando. Isso foi feito por meio do desenvolvimento de recursos teóricos e técnicos que assumem parcelas importantes do trabalho docente. Na medida em que esse trabalho se objetiva, fica disponível para uso/consumo independente pelo aluno, o que torna o trabalho do professor acessório.

No momento presente, a autonomia do aluno vem sendo pressuposta na educação de adultos, como o princípio sobre o qual se assenta a EaD, modalidade educacional que funda a educação sobre novas bases tecnológicas, as quais permitem, efetivamente, a objetivação de um incomensurável *quantum* de conhecimento, e, até mesmo, de funções intelectuais, que tornam interativos os novos recursos disponíveis.

A noção de autonomia impacta sobremaneira o trabalho docente, na medida em que remete para o plano individual, do aluno, funções que antes estavam a cargo do professor. De modo que, no limite, o trabalho docente se esvazia e o professor perde função; e, se essa possibilidade aparece no ensino convencional como uma proposição teórica de todo questionável, na EaD ela se transforma em apanágio.

Observe-se que a proposição do *aprender a aprender*, tão em voga no campo da educação, ganha contornos precisos, encaixa-se como uma luva nas formas pelas quais vem sendo desenvolvida a modalidade de EaD. Essa posição tende a ser quase que consensual entre os estudiosos da área, remete para o plano individual, do aluno, a responsabilidade pelo sucesso, e também pelo fracasso, da aprendizagem. Na EaD a autodidaxia aparece como efetiva possibilidade

Belloni faz referências ao trabalho de Paul um autor que trata de enumerar os grandes desafios que se colocam à EaD:

Segundo este autor, dados consistentes mostram que os estudantes a distância são na maioria adultos entre 25 e 40 anos, que trabalham, e estudam em tempo parcial bastante reduzido. Muitos estão voltando a estudar muitos anos após sua última experiência como aluno e muito freqüentemente tiveram experiências educacionais negativas. O aprendente auto-atualizado é um mito, e muitos estudantes encontram dificuldades para responder às exigências de autonomia em sua aprendizagem, dificuldades de gestão do tempo, de planejamento e de autodireção colocadas pela aprendizagem autônoma. Muitos se acham despreparados, tendem a se culpar pelos insucessos e têm dificuldades de automotivação. (PAUL, *apud* BELLONI, 2003, p.45).

Paul permite desvelar que o pressuposto de autonomia do aluno, fundado na sua condição de adulto não se sustenta, pois parte de um aluno abstrato. Oferece, também, elementos para compreender que assentada sobre esse princípio a educação perde consistência e se esvazia.

Não se pretende, com isso, afirmar a inexistência de alunos adultos autônomos. Entretanto, considera-se que essa autonomia não pode ser pressuposta, é preciso partir do aluno concreto, de suas possibilidades e de seus limites, que só são perceptíveis em uma relação social significativa, como a que existe no contato direto entre professor/aluno. Tampouco se pretende afirmar que toda relação educativa presencial implica essa possibilidade; pode-se, contudo, afirmar que ela não está inscrita nos avançados recursos tecnológicos.

### **Processo de Trabalho Docente na EaD**

Como visto, a EaD se assenta sobre a objetivação de parcela significativa do trabalho docente, a par com o princípio de autonomia do aluno. Diante disso, uma questão se impõe: o que resta ao professor?

É evidente que na EaD o trabalho docente ganha contornos completamente distintos daqueles observados no ensino convencional. Belloni afirma que, ao aluno

autônomo, há que se opor um *professor coletivo* (BELLONI, 2003, p. 81). A autora aponta que as novas condições de trabalho postas pela EaD implicam a criação de novas funções para as quais os professores convencionais não estão preparados. Desse modo, na EaD, o trabalho docente é alvo de novas divisões.

A autora avança na descrição genérica da organização do trabalho na EaD, o que se reproduz aqui em uma série de citações, necessariamente longa, com fins descritivos:

Como resultado desta divisão do trabalho, as funções docentes vão separar-se e fazer parte de um processo de planejamento e execução dividido no tempo e no espaço: as funções de selecionar, organizar, e transmitir o conhecimento, exercidas nas aulas magistrais no ensino presencial, correspondem em EaD à preparação e autoria de unidades curriculares (cursos) e de textos que constituem a base dos materiais pedagógicos realizados em diferentes suportes (livro-texto ou manual, programas em áudio, vídeo ou informática); a função de orientação e conselho do processo de aprendizagem passa a ser exercida não mais em contatos pessoais e coletivos em sala de aula ou atendimento individual, mas em atividades de tutoria a distância, em geral individualizada, mediatizada através de diversos meios acessíveis. (*ibid.*, p. 80).

Entre os dois polos extremos da função docente - a concepção e o acompanhamento do processo educacional -, a EaD insere inúmeras outras funções, que são atribuídas a trabalhadores simples. É o que trata de explicitar a autora, na sequência:

Na prática, o ensino a distância é um 'processo complexo, multifacetado, que inclui muitas pessoas, todas podendo reivindicar sua contribuição ao ensino' e, portanto, o título de professor (MARSDEN, 1996: p. 226): o 'autor seleciona conteúdos, prepara programas de ensino e elabora textos em discurso escrito do tipo 'explicativo'; o 'editor' trabalha sobre a qualidade comunicacional do texto, buscando dar-lhe maior 'legibilidade'; o 'tecnólogo educacional' (instrucional designer) organiza pedagogicamente os materiais, assegurando a clareza e explicitação dos objetivos pedagógicos; o 'artista gráfico' trabalha sobre a aparência visual e a arte final do texto. (BELLONI, 2003, p. 80)

As funções recém descritas dizem respeito à produção de materiais passíveis de impressão, contudo, outras funções se lhes acrescentam quando é necessária a produção de material em suportes mais elaborados como vídeo, áudio, ou recursos informáticos. São novas funções técnicas, incorporadas ao trabalho docente: programação, edição, operação, atividades essas que exigem trabalho coordenado e integrado e têm importante papel na qualidade final do *produto*, dificilmente podendo ser desempenhadas pelos professores.

A autora prossegue indicando os desdobramentos da função docente:

Além destas funções de produção de cursos e materiais, temos que considerar as tarefas de administração, planejamento e organização do processo como um todo - do planejamento inicial à distribuição de materiais e à avaliação do desempenho

do estudante. Com todas estas funções de ensino, nossa lista cobre apenas a produção e distribuição de cursos e materiais, e a ela devemos acrescentar as funções de acompanhamento do processo de aprendizagem: tutoria, aconselhamento, monitoria de centros de apoio e de recursos, atividades relacionadas à avaliação (preparação e correção de materiais de avaliação formativa e somativa). Considerando que de modo geral os sistemas de EaD lidam com grande número de estudantes, fica clara a necessidade de um processo de trabalho racionalizado e segmentado. A maioria destas funções faz parte do trabalho cotidiano do professor no ensino presencial, só que organizadas de forma artesanal e intuitiva e trabalhando com grupos reduzidos de alunos. (*ibid.*, p. 81)<sup>4</sup>

Vê-se que, sob impacto das novas tecnologias, o trabalho docente sofre intensas divisões. Esse processo complexo tende a se aprofundar e se expandir, e tem potência para alterar a natureza do trabalho docente, ao menos nos níveis mais avançados do ensino. Indica a autora:

Embora esta divisão do trabalho docente possa evoluir - seguindo as tendências do setor econômico de um modelo 'fordista' centralizado, automatizado, hierarquizado e muito especializado para formas de organização mais flexíveis, descentralizadas, com uma divisão do trabalho menos especializada e segmentada, esta evolução provável não modifica fundamentalmente a característica principal do ensino a distância que é a transformação do professor de uma entidade individual em uma entidade coletiva. Cabe lembrar que a introdução das novas tecnologias na educação tende a generalizar esta característica também para o ensino presencial. (BELLONI, 2003, p. 81, grifos da autora).

Essa evolução a que Belloni se refere já está em processo, é sobre ela que se assenta a proposição de aprendizagem aberta (AA), forma de organização da EaD, na qual o professor é uma figura absolutamente acessória<sup>5</sup>.

Em verdade, a possibilidade de aprofundar a divisão do trabalho docente decorre de sua objetivação. Na medida em que ganha materialidade, é possível subdividi-lo ainda mais, em pequenas unidades e parcelas de trabalho simples, conferidas a inúmeros trabalhadores que se responsabilizam por sua execução, a exemplo do que já ocorrera largamente com a produção material desde fins do século XIX. Esse processo complexo

---

<sup>4</sup> Belloni toma por artesanal um trabalho especializado que vem sendo simplificado, e sofrendo divisões, desde a proposição comeniana da escola manufatureira. E reputa intuitivo o caráter complexo, imaterial, que a produção docente conserva no formato presencial.

<sup>5</sup> A autora destaca que, se na EaD o que prevalece é a ênfase nos processos de ensino; na AA, ocorre uma inflexão no sentido dos processos de aprendizagem, considera, ainda, que a autoaprendizagem de adultos constitui um novo campo de pesquisa para a educação. “Se o *construtivismo*, o *interacionismo*, os *métodos ativos* já vêm, de longo tempo, exercendo influência sobre as práticas pedagógicas na educação infantil e elementar, esta influência tem sido, até aqui, pouco presente no ensino secundário e superior”. (BELLONI, 2003, p. 31)

tende a se aprofundar e se expandir, e tem potência para alterar a natureza do trabalho docente, ao menos nos níveis mais avançados do ensino.

A possibilidade de ampliar a extração de mais-valia do trabalho docente, a partir de sua materialização, exerce atração superlativa sobre o grande capital, e tende a transformá-lo em atividade predominantemente produtiva. Dessa perspectiva se compreende facilmente a retirada progressiva da responsabilidade do Estado capitalista pela educação, e, também, o surgimento de consórcios privados, ou mistos, e grandes conglomerados educacionais. A indústria do ensino sob controle do grande capital aparece como tendência, ultrapassando inclusive as fronteiras dos Estados nacionais, como de resto acontece com a produção capitalista em geral, desde início do século XX.

Se se analisa, grosso modo, o processo de trabalho docente na EaD, é possível observar que os elementos de mediação assumem particular relevo. Nada para surpreender, ressalte-se que a assunção, pelo capital, do controle do processo de trabalho, assenta-se, justamente, na transformação substancial dos meios de trabalho. O uso dos novos recursos comunicacionais que viabilizam os contatos entre o professor e os alunos são destacados por Belloni (2003) que seleciona como os recursos mais utilizados: a videoconferência, o e-mail, programas de comunicação e ambientes de aprendizagem.

A autora observa que na EaD o processo de ensino e aprendizagem ganha maior complexidade, porque a interação entre professor e aluno ocorre de modo indireto no espaço (a distância descontígua) e no tempo (já que a comunicação é diferida, não simultânea) (BELLONI, 2003, p. 54).

Com respeito ao espaço onde a relação educativa ocorre, tem-se a substituição do espaço da sala de aula pelo *espaço virtual*, que não possui materialidade. Em muitos casos, o aluno encontra-se em seu próprio domicílio, fazendo uso de um computador pessoal, o que reduz o dispêndio de capital com prédios, mobiliários e equipamentos de uso direto pelos escolares, uma vantagem adicional para o capitalista.

Conta-se, ainda, como se viu, com a mediação de novos profissionais - programadores, técnicos, monitores, tutores. A objetivação do trabalho docente permite que um mesmo professor (que realiza trabalho complexo<sup>6</sup>), com o suporte de inúmeros

---

<sup>6</sup> É importante destacar que Marx (1984, p. 192) reconheceu existirem trabalhos que exigem pouco preparo do trabalhador - denominou-os trabalho simples -; por outro lado, indicou que há formas de trabalho que impõem maior preparo, valendo como trabalho simples potenciado - nesses casos, para o autor, trata-se de trabalho complexo. Para efeito de quantificação, compreende-se que o trabalho simples é a

trabalhadores de menor custo (que realizam trabalho simples), atenda um contingente de alunos muito mais vasto do que o possível no ensino convencional. Desse modo se amplia enormemente a extração de mais-valia relativa, o que faculta ao capital vultosos ganhos com baixa inversão em salários.

Se no ensino convencional cabe ao professor a elaboração e desenvolvimento de um plano de estudos, que implica a seleção das referências, planejamento das atividades de ensino, transmissão do conhecimento, elucidação de dúvidas, avaliação da aprendizagem e da frequência do aluno, na EaD o papel do professor pode se reduzir a um mínimo. É cada vez mais recorrente a encomenda de cursos a uns poucos doutos, que nem sempre desenvolvem as atividades que planejam e vendem os direitos sobre o produto de seu trabalho às instituições contratantes, com as quais não mantêm qualquer vínculo permanente.

Uma vez elaborado, o curso pode ser montado e disponibilizado para consumo, por equipes de trabalhadores simples, que não têm, necessariamente, domínio pleno dos conteúdos. O aluno é remetido invariavelmente para fontes interativas, que objetivam grande parcela do trabalho docente: tutores eletrônicos, softwares, bancos de dados, rede. Em conjunto, tais recursos transmitem os conteúdos, oferecem orientações de estudo, elucidam dúvidas dos alunos, controlam frequência, avaliam e corrigem suas atividades.

Vê-se que o nível de objetivação é ímpar, e os avanços nesse sentido são céleres. A interatividade confere, ainda, imensa plasticidade aos novos recursos. O *hipertexto* e a *hipermídia* permitem uma exploração não linear, que responde às necessidades, ritmos e interesses bastante diferenciados dos alunos; desse modo, dão lugar a processos personalizados de aprendizagem. Nesse mesmo sentido avança a tecnologia da televisão digital, que pode ser entendida como uma aplicação de sistema hipermídia que transforma definitivamente a televisão em uma mídia flexível e interativa. A TV digital é comemorada como uma valiosa ferramenta para a ampla expansão da EaD.

A possibilidade de uma formação flexível, *customizada*, na qual o aluno/consumidor montaria com autonomia seu próprio processo de aprendizagem, a partir de um *menu* de unidades de estudo (produtos) articuláveis já está disponível nos países que acumulam grande experiência na *aprendizagem aberta e a distância*<sup>7</sup>.

---

unidade, e que trabalho complexo é sua multiplicação. O trabalho complexo é força de trabalho formada com maiores custos e exige um tempo mais longo para ser produzido.

<sup>7</sup> Particularmente quando se trata de cursos de curta duração, de formação continuada.

Essas práticas indicam a tendência de as universidades abertas se tornarem instituições de certificação de processos educacionais os mais diversos. O que chega a colocar em questão a manutenção da universidade como instância predominante de formação em nível superior, tal como se vê hoje

No Brasil, ainda que não se tenha conhecimento de práticas dessa natureza, já é frequente que as universidades atendam demandas fechadas, ou seja, que ofereçam cursos (sequenciais, graduação, pós-graduação) sob encomenda, para instituições públicas e privadas; com vagas cativas para grupos determinados, ou, ainda, permitam arranjos de formação personalizados, conforme os interesses de cada aluno. São formas de responder de maneira flexível às demandas do mercado de consumo, acordes com a lógica da produção flexível que impacta o trabalho produtivo desde o último terço do século XX.

A EaD é uma modalidade de ensino de *per si* bastante plástica, ademais, dentro da lógica da flexibilização, não só permite, mas, em verdade, exorta inúmeros e variáveis arranjos. De todo modo, nas várias formas de organização possíveis, pode-se observar, em maior ou menor medida, o aviltamento do trabalho docente.

Da discussão feita, até aqui, aparece claramente que a utilização dos recursos tecnológicos avançados na educação tem sido orientada pela lógica de mercado, conseqüentemente tem esvaziado a educação de conteúdo socialmente significativo.

Na medida em que o processo educativo se centra na atividade do aluno, acaba por deixá-lo entregue a si mesmo, privando-o da necessária mediação do professor em seu processo de formação escolar.

Esse processo promove, compreensivelmente, a resistência dos trabalhadores docentes. De um lado, porque reconhecem que na EaD seu fazer é ainda mais aviltado, perdem controle sobre parcelas do processo de trabalho que ainda dominam, e, desse modo, ficam sujeitos ao aumento massivo da exploração; de outro lado, porque percebem que, sob o discurso de democratização do acesso ao conhecimento, oculta-se, em verdade, o seu oposto: a educação perde conteúdo e se esvazia.

Em um período no qual estão efetivamente colocadas as possibilidades de amplo acesso ao saber elaborado pela humanidade, o que se vê, paradoxalmente, é a sua deliquescência, suportada por uma formação aligeirada e fragmentada que retira ao aluno a possibilidade de superar o sincretismo.

## Considerações Finais

A categoria contradição é uma das mais caras ao referencial teórico esposado, daí que impõe a busca de novas possibilidades diante do contexto adverso. Nesse sentido considera-se que é possível disputar sobre essa mesma base técnica de produção uma educação enriquecida, mais plena, e atinente com os interesses da grande maioria trabalhadora.

Por certo que isso dependerá da orientação teórica que subjaz à proposta. Parece-nos que na medida em que se pautem em teorias que preservam e valorizam o ensino, que reconheçam que à educação compete dar pleno acesso ao conhecimento historicamente acumulado, é possível assegurar um papel significativo ao professor, inclusive muito mais vigoroso.

Na medida em que professores e alunos têm acesso a um amplo leque de fontes, desde os imprescindíveis textos clássicos às imagens, arquivos fílmicos, registros orais, fontes as mais variadas que extrapolam os limites espaciais e temporais imediatos, é possível coligir para a tarefa educativa elementos riquíssimos, que ultrapassam largamente os restritos limites impostos pelos instrumentos educativos que prevalecem na educação presencial convencional, particularmente os manuais didáticos, marcados pelo conhecimento vulgar.

A possibilidade de acesso a um acervo de conhecimentos muito mais vasto impõe a tarefa educativa, sob o risco de o aluno perder-se em leituras descontínuas, fragmentadas e assistemáticas. Ao professor caberia, a partir de sua visão organizada e sintética de um campo de conhecimento, propor roteiros de estudo articulados, com intencionalidade, e remeter o aluno para as fontes culturalmente significativas. Em momentos posteriores, cumpriria elucidar as dúvidas dos alunos e conduzir atividades coletivas e individuais de análise e sistematização dos estudos, e, além disso, proceder a avaliação dos discentes.

Caberia ao aluno a análise dessas e de outras fontes, que ele próprio considerasse significativas, com vistas ao levantamento de questões para estudo e debate. A atividade orientada e disciplinada do aluno, com elaborações pertinentes, precederia os momentos coletivos ou individuais de sistematização dos conteúdos em estudo, sob coordenação do professor.

Saliente-se que essa proposição não equivale à defesa de um ensino autoritário, preserva para o aluno a possibilidade de, pela mediação do trabalho docente, superar o sincretismo e alcançar uma relação sintética, organizada, com o conhecimento.

Essas considerações indicam possibilidades de percursos contra hegemônicos, que devem ser forjados e disputados politicamente no âmbito das instituições estatais de ensino, já que não objetivam primariamente produção de valor. São necessárias novas pesquisas que iluminem e favoreçam a elaboração de propostas.

É imperioso que trabalhadores docentes se articulem e não se furtem ao debate; a resistência deve ser informada e pautada em princípios e propostas que contemplem os interesses da grande maioria trabalhadora, sob o risco de aparecer corporativista e reacionária. É preciso que a discussão crítica acerca da incorporação das novas tecnologias pela educação seja aventada nos inúmeros foros e organizações docentes, com vistas a introduzir contradição naquelas instâncias decisórias em que são traçadas e desenvolvidas as políticas públicas de ensino. É impossível, e tampouco seria desejável, deter a roda da história.

## Referências

ALVES, G. L. **A Produção da Escola Pública Contemporânea**. Campinas: Autores Associados, Campo Grande: UFMS, 2001.

\_\_\_\_\_. **A Produção da Escola Pública Contemporânea**. 4. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

\_\_\_\_\_. **O Trabalho Didático na Escola Moderna: formas históricas**. Campinas: Autores Associados, 2005. BELLONI, M. L. **Educação a distância**. 3.ed. Campinas: Autores Associados, 2003.

COMÊNIO, J. A. **Didáctica Magna**. 4. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

LANCILLOTTI, S. S. P. **A Constituição Histórica do Processo de Trabalho Docente**. Tese (Doutorado em Educação). 2008. Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2008.

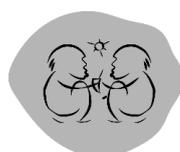
MARX, K. **Teorias da Mais-valia**. v. I. São Paulo: Difel, 1980.

\_\_\_\_\_. **Capítulo VI Inédito de O Capital: resultados do processo de produção imediata**. São Paulo: Moraes, [s.d.].

\_\_\_\_\_. **O Capital - O processo de produção do capital**. Livro 1, v. I. 9. ed. São Paulo: DIFEL, 1984.

\_\_\_\_\_. ENGELS, F. **A Ideologia Alemã (I - Feuerbach)**. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1986.

MORAES NETO, B. R. **Século XX e Trabalho Industrial: taylorismo/fordismo, ohnoísmo e automação em debate**. São Paulo: Xamã, 2003.



*Gilberto Luiz Alves*  
INSTITUTO CULTURAL